

Há alguns anos, surgiu na América uma nova doutrina de Salvação, a qual, por sua natureza, está em flagrante contraste com o bolchevismo. Parte daquele excesso de perfeição técnica de que, sobretudo, padece o Novo Mundo.

Como o conde de Saint Simon, como Fourier, Marx e tantos outros descobridores de uma lei que, gradualmente, conduz à libertação econômica, e como eles também entregue às preocupações materiais mais mesquinhas, numa constante falta de dinheiro, sem meios de existência garantidos, é que Howard Scott, o profeta da "tecnocracia", chega a conceber seu sistema destinado a enriquecer e a tornar feliz a humanidade inteira. Este engenheiro desocupado vivera longos anos em Greenwich Village, o bairro boêmio de Nova York, prégando a seus comensais, nos restaurantes baratos, o sistema por êle ideado.

Um dia, enfim, mais afortunado do que o pobre Fourier, encontra um ouvinte abastado que se interessa por êle e se prontifica a financiá-lo, assim como a seus projetos. No decorrer dêsse anos passados na pobreza, revelara-se-lhe a "lei das marés", pela qual é determinado o "devenir" da humanidade e que levará o mundo à Salvação.

O profeta do Velho Testamento, Daniel, que, penetrando com o seu olhar o passado e o futuro, vislumbrou, respectivamente, o paraíso e o século de ouro, revestira de potentes símbolos míticos a lei que conduz gradativamente à perfeição. Por sua vez, o monge medieval Joaquim da Celico, entregue à sua contemplação interior, dera uma forma às suas reflexões espirituais gnósticas, anunciando a próxima chegada do reino universal do Espírito Santo. Por último, aquela geração de sonhadores amadurecida no princípio do século XIX e que fôra educada por Adam Smith e Bentham na veneração do homem material que come, produz e gasta, segundo propendia para o misticismo, para o metaforismo bíblico ou para as especulações filosófico-dialéticas, aliou na sua fantasia, do modo mais esquisito, as idéias de Espírito Santo, de leões paradisíacos e de Espírito universal a tais noções, como sejam "industrialismo", "garantismo" ou "valorização".

Howard Scott, porém, como engenheiro da Nova York do século XX, vinculado numa época e num espaço onde tudo se aprecia unicamente pelo prisma de valores tecnicamente ponderáveis e mensuráveis de cifras, de diagramas e de tabelas, descobre a lei da evolução histórica da humanidade numa progressão gradativa das quilo-calorias universais.

Para Daniel, fôra o cativo de Babilônia que representou a primeira era; para o monge de Fiori, foi o Reino do Pai; para Saint Simon e para Comte, foi o período do estado natural; para Fourier, a época da "selvageria"; para Marx, o da economia das trocas. Por sua vez, Howard Scott indica, como primeira era, aquele período du-

rante o qual a energia empregada não ultrapassara de duas mil quilo-calorias por cabeça e por dia. Aquela "primeira era" da tecnocracia abrange o tempo decorrido desde o aparecimento da vida humana até cinco mil anos antes de Cristo.

Na segunda economia tecnocrática, o quantum de energia eleva-se a quatro mil quilo-calorias, graças à utilização do trabalho dos animais, à descoberta do fogo, de algumas grosseiras rodas hidráulicas e de moínhos de vento primitivos. No século XVIII, porém, começa a "terceira época", que corresponde à "economia do Espírito Santo" profetizada por Joaquim da Celico. Nesta terceira época, uma energia poderosa se propaga pelo mundo, graças aos motores recentemente inventados, e começa o milagre das linguagens em algarismos astronômicos. Daí por diante, a quota de energia cresce de ano para ano, até ultrapassar, em nossos dias, cento e cinquenta mil quilo-calorias por cabeça de cada habitante da terra.

Graças à descoberta desta verdadeira lei trigradual, a humanidade tivera a revelação do próprio sentido de sua evolução histórica e, ao mesmo tempo, do único caminho para a Salvação. Com efeito, todos os males de que padece este mundo, provêm exclusivamente do fato de quererem os homens da era das cento e cinquenta mil quilo-calorias ater-se aos conceitos e preconceitos, às instituições e costumes que se formaram na era das quatro mil calorias e que, assim, já não correspondem à realidade técnica. Torna-se, pois, imprescindível, "em lugar dum sistema antiquado, estabelecer um novo, que corresponda às leis da física e seja capaz de funcionar na escala de cento e cinquenta mil calorias para cima".

* * *

Nenhum dos antigos profetas que viveram em épocas ignorantes da técnica, alcançara essa suprema verdade de que cada advento podia apenas ser julgado ou classificado em unidades erg. Por este motivo, também é claro que suas predições deviam falhar. Efetivamente, todos eles, Daniel, Joaquim da Celico, Saint Simon, Fourier, se tinham perdido no círculo nebuloso das especulações metafísicas e éticas e pensaram que o progresso do mundo, a rumo da salvação, representava um valor religioso, espiritual ou moral.

O próprio Marx, que pretendia orgulhosamente ter-se livrado de todo "engano da alma e do espírito", assim como de qualquer metafísica, e a quem Engels elogiava defronte de seu túmulo aberto, por ter descoberto, "oculta sob vegetações ideológicas, a simples realidade" de que os homens, "acima de tudo, têm de comer, beber, agasalhar-se e vestir-se" — Marx percebia porém, que, no homem que come, também existe um ser que sente. Conhecia a noção de Justiça e de Injustiça. Condenava o "explorador", invocando o critério moral, e